



ISSN: 2595-5713  
Vol. 2 | N°. 3 | Ano 2019

**Hélio Maúngue**

# SOCIALISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA UTOPIA DE SAMORA MACHEL

SOCIALISM IN MOZAMBIQUE: A SAMORA MACHEL UTOPIA

**RESUMO:** Moçambique viveu uma ‘tentativa’ de se constituir numa sociedade socialista, principalmente pela figura de Samora Machel como seu principal interlocutor. A vivência e a experiência com o colonialismo muito contribuiu para isso, uma vez que fez surgir a ideia de uma consciência nacional que tudo fez para reverter a situação de opressão e exploração que a burguesia colonial impunha sobre os moçambicanos. Nos dias que correm Moçambique e/ou o Estado Moçambicano se apresenta como um Estado ‘capitalista moderno’ e o partido que proclamou a independência, Partido FRELIMO, e que outrora se apresentava como de esquerda, hoje tem manifestações que se confundem como um partido de direita. Não é nosso objetivo com o ensaio analisar se efetivamente Moçambique foi um Estado socialista, na época de Samora, nem se o socialismo seria uma alternativa ao país nos dias que correm, mas sim olhar a partir dos discursos de Samora e procurar neles traços ou marcas do socialismo de Karl Marx e Friedrich Engels.

**Palavras-Chave:** Samora Machel; Marxismo-leninismo; Socialismo.

**ABSTRACT:** Mozambique experienced an 'attempt' to establish a socialist society, mainly by the figure of Samora Machel as main interlocutor. The experience with colonialism contributed greatly to this, since it gave rise to the idea of a national conscience that did everything to reverse the situation of oppression and exploitation that the colonial bourgeoisie imposed on Mozambicans. Nowadays Mozambique and/or the Mozambican state presents itself as a 'modern capitalist' state and the party that proclaimed independence, FRELIMO Party, and which once presented itself as the left, today has manifestations that are confused as a right wing ideology. It is not our purpose with the essay to analyze whether Mozambique was indeed a socialist state in Samora's time, or whether socialism would be an alternative to the country these days, but to look from Samora's discourses and look for traces or marks on them of the Karl Marx and Friedrich Engels socialism.

**Key Words:** Samora Machel; Marxism-Leninism; Socialism.

Site/Contato

Editor

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

# SOCIALISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA UTOPIA DE SAMORA MACHEL

Hélio Maúngue <sup>1</sup>

## Introdução

Moçambique é uma Nação jovem e em processo de consolidação de suas estruturas democráticas. Depois de sua independência do colonialismo português em 25 de junho de 1975, o país experimentou períodos de governança de bases marxista-leninista, sendo o Estado o principal ator – economia centralmente planejada. Seguidos de anos de guerra civil (também chamada, por alguns, Guerra dos 16 anos ou Guerra de desestabilização de Moçambique) envolvendo a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Outrora movimento que encabeçou a ‘revolução’ que culminou com a independência de Moçambique. Atualmente é o partido no poder, desde às primeiras eleições democráticas realizadas em 1994) e os militares da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana). Atualmente partido RENAMO, segundo maior partido do país e da oposição), cujo fim aconteceu em 1992 com a assinatura do Acordo Geral de Paz (AGP), que marcou o fim do monopartidaríssimo e início do multipartidarismo.

Durante o período da guerra, o país assistiu o aparecimento das instituições da *Bretton Woods* (Banco Mundial e FMI) com políticas de ajustamento estrutural<sup>2</sup>, marcando início de uma economia de mercado. Em 1990 entrou em vigor uma nova Constituição da República, marcando o fim da designação ‘República Popular’ passando a ser República de Moçambique.

Em 1994 realizaram-se às primeiras eleições democráticas, para eleição do Presidente da República e os deputados da Assembleia da República, que culminaram com a vitória do partido que trouxe a independência e que continua governando o país, depois de ter havido seis eleições democráticas (às últimas foram em 15 de outubro de 2019). Aqui, cabe destacar que segundo Maloa (2011) no processo das primeiras eleições, o marxismo foi encarrado como uma ‘teoria do mal’ que criou muita decepção, tristeza e humilhações às populações, desaparecendo assim a ideia, muito pregoada na ‘tentativa’ de implantação do socialismo, de que o capitalismo é inimigo do povo e que comprometia o desenvolvimento do país.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina/Núcleo de Estudos sobre Agricultura Familiar (NAF/SPO/UFSC); Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane (CEA/UEM)/Moçambique; Bolsista CNPq/PEC-PG.Email: [helio.maungue@gmail.com](mailto:helio.maungue@gmail.com).

<sup>2</sup> O Programa de Reabilitação Econômica (PRE) como a principal ação na época. A adoção do PRE trouxe consigo necessidades de reajustamento econômico e social, em que o papel do Estado seria redefinido e seria dada maior ênfase ao setor privado para o desenvolvimento do país em situação econômica de mercado.

Antes da virada multipartidária e neoliberal, o país viveu uma ‘tentativa’ de se constituir numa sociedade socialista, principalmente na figura de Samora Machel como seu principal interlocutor. A vivência e a experiência com o colonialismo contribuiu para isso, uma vez que fez surgir a ideia de uma consciência nacional que tudo fez para reverter a situação de opressão e exploração que a burguesia colonial e imperialista impunha sobre os moçambicanos, ou seja, a luta armada foi consequência da tomada de consciência da luta de classes e permitiu a emergência de um pensamento marxista em Moçambique (BRAGANÇA, 1980). Isso aconteceu porque as ideias marxistas não se desenvolveram em países que tinham liberdades civis, mas sim em países que não tinham tais liberdades (MISES, 2015), sendo que o colonialismo foi visivelmente uma recusa das liberdades civis dos moçambicanos. Assim, o Socialismo se tornou como ciência ou teoria da ‘revolução’ moçambicana, uma vez que toda revolução tem uma manifestação teórica que lhe oriente (ENGELS, 2011), ou seja, o Marxismo-leninismo foi a base ideológica e teórica do partido FRELIMO (FRELIMO, 1977).

Uma coisa que temos em mente, e que estamos convencidos, é que o resgate da teoria marxiana pode ser uma condição fundamental para uma tentativa de compreensão do ‘capitalismo moçambicano’, bem como as crises e os rumos do mundo atual e, para orientar revolucionariamente a luta social que o mundo capitalista merece (LESSA & TONET, 2011), mas não é uma compreensão do ‘capitalismo moçambicano’ que nos propomos a elaborar neste breve ensaio. Mesmo reconhecendo que o desenvolvimento do marxismo nunca se interrompeu ou se fixou, pois se apresenta como um conhecimento racional do mundo que, continuamente, se aprofunda e ultrapassa a si mesmo, sendo que o enriquecimento não se deteve até os nossos dias, foi buscado no passado e será buscado no futuro (LEFEBVRE, 2009), será que isso se manifesta em Moçambique?

No entanto, não existe nos dias de hoje algum Estado ‘poderoso’ ou não que reivindique para si o comunismo ou mesmo o socialismo ‘puros’, sendo que no século XX, os socialismos, únicas formas concretas da ideia comunista fracassaram totalmente, então que quer dizer exatamente a afirmação de que todas as experiências socialistas fracassaram (BADIOUS, 2012)? Uma questão importante para compreensão da força do socialismo e do seu papel como guia ideológica de países e movimentos sociais, mesmo que nem o socialismo científico, nem africano, nem a visão moçambicana de reinterpretar o socialismo às suas circunstâncias tenha vingado (NGOENHA, 2019).

Podemos considerar, para os propósitos deste trabalho, o período de 1975 (Ano da proclamação da Independência, da transformação do país em República Popular de Moçambique e de inspiração Socialista) -1986 (Ano da morte de Samora Machel), de transição socialista

durante o qual o partido FRELIMO<sup>3</sup>, que proclamou a independência e tomou o poder, tentou construir uma sociedade socialista, tendo como guia os princípios teóricos e práticos do marxismo-leninismo (FERNANDES, 2011). Contudo, não é nosso objetivo com o ensaio analisar se efetivamente Moçambique foi um Estado socialista, nem se o socialismo seria uma alternativa ao país nos dias que correm, mas sim olhar à partir dos discursos de Samora e procurar neles traços ou marcas do socialismo de Marx e Engels. E desse modo tentar questionar o relativo ‘silêncio’ sobre a questão na sociedade e academia moçambicanas.

Para tal, nosso esforço foi através de uma leitura, seleção e análise superficial de uma extensa lista dos discursos de Samora Machel, disponíveis em <https://www.marxists.org/portugues/machel/index.htm>, vislumbrar traços dos ideais socialistas de Marx e Engels, na base da leitura e relação, principalmente e não só, das obras *O manifesto do partido comunista*, *crítica do Programa de Gotha* e *do socialismo utópico ao socialismo científico*. Cabe destacar, que Samora e as lideranças da FRELIMO utilizaram, sistematicamente, as intervenções públicas para fazer avançar o seu projeto político nacionalista e revolucionário e estabelecer formas de mobilização popular na transição à independência monopartidária. Com isso, é parte do objetivo do ensaio compreender a força e o sentido dos discursos de Samora e pensar nas circunstâncias históricas, porque a análise do discurso político do passado, ou presente, requer compreensão da história e da política (DARCH & HEDGES, 2018).

Portanto, metodologicamente nosso esforço foi olhar para ideia de Michel Foucault (1999) de que discurso e poder são constitutivos, isto é, atores políticos usam do discurso para exercer poder, mas eles são constituídos pelo discurso que reproduzem (TORFING, 2005), fato que faz-nos arriscar numa tríade Samora-Moçambique-Socialismo. Este ensaio, para além desta introdução, conta com uma problematização, onde apontamos os motivos que nos levam a elaborar esta reflexão; depois fazemos uma breve atualização da situação do marxismo em África; segue uma breve apresentação de quem é Samora Machel; em seguida adentramos nos discursos de Samora e procuramos relacionar com o pensamento de Marx e Engels e por último, apresentamos às considerações finais.

### **Breve Problematização**

Nos dias que correm Moçambique e/ou o Estado Moçambicano se apresenta como um Estado ‘capitalista moderno’ e o partido que proclamou a independência, Partido FRELIMO, e que outrora se apresentava como de esquerda, hoje tem manifestações que se confundem como um partido de direita (para mais detalhes ver DE MACEDO & MALOA, 2013), no entanto,

---

<sup>3</sup> Frente de Libertação de Moçambique, que se transformou em um partido marxista-leninista no seu III congresso no ano de 1977, três anos depois da independência.

existem alguns aspectos que podemos destacar onde o viés socialista e marxista-leninista aparece como elemento presente no partido e uma questão de debate na sociedade.

Primeiro, em 1974, antes da revolução de 25 de abril que depôs o regime ditatorial português, a primeira escola marxista é aberta em Moçambique, se lançado as bases para que a orientação da FRELIMO fosse a partir da síntese das experiências revolucionárias do povo moçambicano com os princípios universais do marxismo-leninismo (BRAGANÇA, 1980).

Segundo, o partido mantém no seu Estatuto dois pontos que o identifica como socialista. No primeiro ponto, que perfaz um dos princípios fundamentais do partido, aponta que “a FRELIMO assenta o seu projeto nacional de sociedade na unidade nacional, na defesa dos direitos do Homem e do cidadão, nos princípios do **socialismo** democrático, da autoestima, da cultura de paz e da cultura de trabalho” (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2013, p. 13, grifo nosso, Estatutos do Partido FRELIMO, artigos 3 e 5, respectivamente); no segundo ponto que perfaz um dos objetivos fundamentais aponta que o partido visa “promover e defender uma sociedade democrática e **socialista** fundada num estado unitário, de Direito, moderno, assente em valores éticos, de humanismo e de justiça social em que prevaleçam os interesses nacionais” (op. cit.). Terceiro, no hino do partido, o refrão aponta que “Somos soldados do povo; Marchando em frente Pela paz, pelo progresso; Sempre avante unidos venceremos; **Socialismo** triunfará” (FRELIMO, 2010, p. 38, grifo nosso).

Quarto, o primeiro presidente, saído das primeiras eleições democráticas de 1994, Joaquim Chissano, que após a morte de Samora Machel, em 1986, foi eleito presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, introduziu o Programa de Reabilitação Econômica (PRE) em 1987 e, com a queda do comunismo na Europa, abandonou a doutrina marxista-leninista. No entanto, o mesmo, em 1999, no seu segundo mandato como presidente do país foi nomeado como vice-presidente da Internacional Socialista, mesmo ter sido sob sua égide que o ‘projeto socialista de Samora’ não teve continuidade, uma vez que o país se abriu às políticas neoliberais do Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI).

Quinto, o país ainda apresenta algumas das suas principais avenidas e ruas nomes de figuras ligadas ao marxismo-leninismo, socialismo e/ou comunismo imortalizadas, mas, no sentido inverso, ruas com nomes de figuras do colonialismo português têm vindo a ter os seus nomes trocados por nomes e entidades moçambicanas. Algumas delas receberam esses nomes em troca de figuras/entidades portuguesas, como o caso das avenidas Kim Il Sung e Mao Tse Tung, nomes de comunistas norte-coreano e chinês respectivamente. Para além dessas avenidas podemos destacar às seguintes: Avenidas Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenine, Ho Chi Minh, Salvador Allende (Ex-Presidente chileno, marxista e comunista), Olof Palme (Social-democrata da Suécia), Julius Nyerere (Socialista Tanzaniano, que defendeu um socialismo de

inspiração na ex-União Soviética), Nkwame Nkrumah (Primeiro presidente da África Negra, que se intitulava socialista, marxista e cristão), Amical Cabral (Político, agrônomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e Cabo Verde) e Patrice Lumumba (Comunista congolês). Aqui, há que questionar se no quotidiano recente do país as pessoas fazem associação desses nomes com o projeto socialista ‘fracassado’?

Sexto, recentemente, setembro de 2019, o economista moçambicano, Carlos Nuno Castel-Branco, falando para um jornal privado e independente na capital do país, apontou que para o país sair da pobreza e seguir para o desenvolvimento deveria suprir o capitalismo e ter como solução o socialismo (CALDEIRA, 2019). No entanto, como se pode, ou podia na altura, pensar em desenvolvimento se segundo Darch e Hedges (2018) a FRELIMO defendeu que a transformação socialista podia preceder o desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, a sociedade podia ser radicalmente transformada antes que ela se desenvolvesse economicamente.

Sétimo, pensando no atual Moçambique e perspectivando o futuro do país, os filósofos moçambicanos, Severino Ngoenha e José Castiano elaboraram um manifesto filosófico onde propõem uma terceira via, que une a primeira e a segunda Repúblicas. Na medida em que, há elementos da 1ª República, a República socialista, como Unidade, Solidariedade e Trabalho, sobretudo justiça social, que quando empreendemos a 2ª República, do Liberalismo, aconteceu que deitamos ‘fora o bebé e a água suja’, mas se permitiram algumas liberdades constitucionalmente garantidas (NGOENHA, 2019).

Por último e, talvez o mais importante para este ensaio, é o fato de Samora Machel fazer parte de um seleto grupo de figuras africanas cuja obra (majoritariamente discursos) e ideais marxista-leninistas e socialistas fazem parte da *web page Marxist Internet Archive*. Mesmo, que alguns comentadores têm desprezado a ideia de que Samora Machel e a FRELIMO tinham alguma capacidade para dar uma contribuição à teoria política marxista, defendendo que um suposto “desdém (nas fileiras do então movimento) pelo ‘Marxismo-enquanto-livros’ era baseado na ignorância, e não na experiência” (DARCH & HEDGES, 2018, p. 16-17).

No entanto, os aspectos apontados demonstram que Moçambique, hipoteticamente, não rompeu com o ‘cordão umbilical’ que o liga à ideologia marxista-leninista e ao socialismo. Assim, perante esses aspectos, o problema deste ensaio pode se resumir na seguinte questão: A manutenção destas heranças socialista e marxista-leninistas, em cenário capitalista que o país se encontra, é honrar Samora Machel e os que com ele procuravam construir uma sociedade socialista e reflexo dessa utopia?

### **Marxismo hoje (em África)**

Um pouco por toda a parte do mundo há um renascimento do interesse por Marx, diferente de a quando da derrocada da União Soviética e o prestígio do pós-modernismo que levaram alguns a acreditar que o marxismo-leninismo estaria definitivamente eliminado da história, mas, hoje há sinais recorrentes de que o pensador alemão e seus seguidores voltam a ter um lugar nos debates em curso (LESSA & TONET, 2011). No entanto, algo que se vê pouco em África, no geral, e em Moçambique, em particular, principalmente porque as tentativas de implementação do comunismo em África fracassaram.

Da sua expansão, da sua saída da Europa central na direção dos confins extremos do velho continente, bem como na direção da América do Norte, à América do Sul, ao Oceano Pacífico, à Ásia, à Austrália e às regiões africanas do império Otomano, o marxismo não teria extraído, no entanto, nenhum enriquecimento (ANDREUCCI, 1982), mas serviu de ideologia de muitos movimentos e partidos políticos. Entretanto, em um quarto de século, o marxismo – nascido numa área geográfica relativamente limitada e no âmbito de um movimento político e social ainda em busca da sua definitiva identidade – torna-se credo de milhões de homens, a arma teórica da social democracia internacional, percorre caminhos sinuosos e longuíssimos até conquistar uma dimensão planetária (Ibid.), marcando até o mundo acadêmico, sociopolítico e dos movimentos sociais de esquerda.

Evidências que Karl Marx teve influência em África são visíveis, na medida em que muitos Estados se declararam marxistas após independência. No entanto, não havia uma indústria forte em África para que se falasse de um movimento operário e/ou classe operária – proletariado – em luta de classes contra uma burguesia. O pensamento de Marx serviu de instrumento e justificativo das ‘revoluções’ (entenda-se como lutas pela independência nacional) e implantação de um ‘socialismo africano’, influenciando para isso as relações que alguns países africanos tinham com a antiga República Democrática Alemã (RDA), sendo que a extinção desta e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), também enfraqueceu o desenvolvimento e consolidação do socialismo em África. Os esforços para construir o socialismo se modelaram segundo o exemplo da URSS ou usaram a experiência soviética (positiva ou negativamente) como ponto de referência essencial (HOBSBAWM, 1985), como se deu em muitos dos países africanos que abraçaram o socialismo.

Em Moçambique, a ideologia marxista do socialismo ganhou terreno quando em 1974 se dá a queda do regime fascista em Portugal. Hoje, infelizmente, restam memórias, alguns monumentos e/ou nomes de avenidas, artérias de algumas cidades e bairros, que servem de recordações do regime comunista. No entanto, muitos países africanos se tornaram e são até hoje Estados autoritários, que no início justificavam-se ditaduras de retórica marxista. Quer dizer, a busca de justiça não se compatibilizou com o incremento de liberdades necessárias para dar

razão e vazão àquelas liberdades que estão na origem dos movimentos de libertação, não só em Moçambique, mas na África em geral, sendo que em Moçambique se proibiu ideias diferentes, partidos, etc. (NGOENHA, 2019).

Finalmente, deve-se considerar que, a partir de então, o movimento marxista tornou-se mundial. Desde aquele momento, não é mais possível limitar sua história no âmbito europeu e, em medida menor, norte americano: depois de 1917, uma história do marxismo deve dedicar espaço à China, à Índia, ao Japão, à América Latina – para menciona só algumas áreas geográficas – aos problemas do mundo colonial e semicolonial ou, como se passou a dizer depois da segunda Guerra Mundial, ao chamado terceiro mundo. Observe-se que também os movimentos que se difundiram nestas regiões foram criados principalmente por influência-direta ou indireta, imediata ou ao longo prazo - da revolução socialista (HOBSBAWM, 1985).

Nos anos 1960 – lembrar que este ano é considerado o ano das independências africanas, onde os primeiros países se libertavam do jugo colonial – se projetou a luta de classes ao nível mundial, palco em que se confrontavam então classes-nações: os países imperialistas de um lado e os países do terceiro mundo do outro (DURAND, 2016), sendo essa principal forma de manifestação da luta de classes em África e em Moçambique. Assim, é nesse cenário que podemos, hipoteticamente, pensar que o ‘socialismo samoriano’ começou a brotar para se materializar com a independência de Moçambique. Samora Machel (1963-1986), breve apresentação (MAÚNGUE, 2014):

Moçambicanas, Moçambicanos; Operários, Camponeses, Combatentes, Compatriotas: Às zero horas de hoje nasceu a República Popular de Moçambique<sup>4</sup>, Estado que nasceu do combate multissecular do nosso povo pela liberdade e independência. Estado em que pela primeira vez no nosso país se implanta o poder da aliança dos trabalhadores (SAMORA MACHEL, 25 de Junho de 1975<sup>5</sup>).

Falar do Marechal (cargo mais elevado na hierarquia militar moçambicana) Samora Moisés Machel para os de Moçambique, para os da África, e da África Austral, em particular, pode não constituir novidade, uma vez que as pessoas desses lugares sabem do seu empenho nos movimentos de libertação nacional contra o colonialismo em Moçambique, e, indiretamente em alguns países vizinhos a este. Outro aspecto que marca a sua personalidade são as circunstâncias de sua morte, vítima de acidente aéreo em Mbuzini (Região de colinas da África do Sul, sendo que o acidente ficou nominado de acidente de Mbuzini), na vizinha África do Sul, quando

---

<sup>4</sup> A constituição da República Popular de Moçambique era a proclamação de que o poder pertencia à aliança operário-camponesa dirigida pela FRELIMO (BRAGANÇA, 1980)

<sup>5</sup> Parte inicial do primeiro Discurso de Estado proferido por Samora Moisés Machel, Presidente da FRELIMO, por ocasião da sua tomada de posse como Presidente da República Popular de Moçambique e de proclamação da independência do país.



Samora e mais 33 membros de sua delegação regressavam de uma missão de paz na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Na época que ocorreu o acidente, Samora Machel, era considerado em África e internacionalmente, um dos mais excepcionais guerrilheiros e líderes políticos do seu tempo. Para seu próprio povo, o povo moçambicano, para quem a libertação do colonialismo português ele contribuiu enormemente, ele era mais do que isso.

Quando Machel morre, Moçambique vivia uma guerra civil, e alguns países da região atravessavam momentos de muita turbulência política. Esses acontecimentos fazem com que a figura de Samora marcasse um período importante no continente africano – o fim do processo de independência em África, sendo que sua presença foi decisiva para a libertação da África Austral, referindo-nos explicitamente ao Zimbabwe, Namíbia e África do Sul, pondo fim aos regimes fascistas e racistas.

É como enfermeiro que ele começa a desenvolver suas atitudes revolucionárias, principalmente contra as atrocidades que o sistema colonial praticava contra os mais fracos, num enfrentamento aberto aos portugueses, uma vez que ele era rebelde e desafiava os colonizadores. Ele, por exemplo, não aceitava que os negros moçambicanos se levantassem (como sinal de respeito) sempre que um administrador colonial ou outro colonizador branco passava onde havia negros moçambicanos, os encorajando a não se deixarem subjugar. Este fato lhe valeu perseguições por parte da máquina administrativa colonial, e isso o levou a se unir a outros moçambicanos que se interessavam com o propósito da revolução (MAÚNGUE et al., 2012).

Este ato de Samora marca o início de sua entrega à causa da libertação do povo moçambicano contra a exploração colonial portuguesa e que era ‘uma inimiga a abater’, marcando início e desenvolvimento da sua personalidade carismática. Essa personalidade ganhou protagonismo com o fim do colonialismo e com a proclamação da independência. Nesta data, Samora proferiu o discurso que marcava o fim do colonialismo e, ele tornou-se o primeiro presidente de Moçambique independente. Isso foi o marco para a instauração de uma época denominada *samoriana*, com bases socialistas, cujo fim chegou com a sua morte. Para o sociólogo moçambicano Carlos Serra (2003), *samorismo* é o conjunto de crenças, de práticas e de métodos utópicos que se estruturou, e ainda se estrutura, no imaginário popular por consenso e recusa no que concerne ao falecido presidente Samora.

No entanto, para Fernandes (2011) o agudizar da crise econômica<sup>6</sup>, os atos de sabotagem no interior da cidade capital, levaram ao aumento do poder coercitivo da FRELIMO em todos os

---

<sup>6</sup> Destacar que os principais setores de atividade econômica estavam sob domínio português, que com a partida de grande parte deles, depois da independência, deixaram o país órfão de técnicos para às diversas áreas da economia. Herdando uma limitada capacidade do setor privado, altos índices de desemprego, fracas instituições públicas, forte dependência estrangeira e uma economia a beira do colapso.

setores da sociedade e uma tendência para uma liderança personalista de Samora Machel. Esse tipo de liderança é um fato que, até hoje, faz com que Samora seja amado por uns e odiado por outros. Para uns um líder carismático e para outros um ditador. Mas o importante é que enquanto vivo ele marcou uma época. Esse caráter personalista e até populista de Samora, continuou depois da sua morte, sobre sua figura, na medida em que todas as capitais o Governo implantou estatuas de bronze com a imagem de Samora, nas respectivas praças da independência.

### **O socialismo Samoriano?**

A Luta continua!  
Independência ou Morte!  
Venceremos!<sup>7</sup>

Se a luta de classes, o motor da história para o marxismo, é o meio de se fazer a revolução socialista e daí conquistar o triunfo da classe explorada e oprimida, essa ideia de revolução no socialismo africano e, conseqüentemente, no socialismo cultuado por Samora Machel, era possível pela Luta Armada. A luta armada, que era no socialismo samoriano uma luta de classes, era um ato revolucionário que culminaria com a constituição de uma sociedade nova, sem opressão da Burguesia colonial sobre os moçambicanos que eram humilhados e explorados em seu país, sendo que os moçambicanos deviam estar “...consciente[s] do seu caráter popular e revolucionário” e nacional dessa luta (SAMORA MACHEL, 1976). Neste sentido, a classe revolucionária apresenta-se de início não como classe, mas como representante da sociedade inteira, ela aparece como massa inteira da sociedade diante da única classe dominante (MARX & ENGELS, 2009).

Esse desejo de libertar todo país da exploração, é um dos pensamentos fundamentais que atravessa *O Manifesto*, na medida em que:

(...) toda a história foi uma história da luta de classes, da luta entre classes exploradas e exploradoras, dominadas e dominantes nos diferentes estágios de desenvolvimento social, mas que agora essa luta atingiu um estágio em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode libertar-se da classe exploradora e opressora (a burguesia) sem ao mesmo tempo libertar para sempre toda a sociedade da exploração, opressão e das lutas de classe (...) (MARX & ENGELS, 2014, p. 11, Prefácio escrito por Engels à edição alemã do *Manifesto* de 1883).

---

<sup>7</sup> *Slogan* pelo qual Samora Machel terminava quase sempre um discurso.

A luta pela independência se manifestou não somente como uma luta pelo fim da exploração econômica, mas também uma luta política, porque era objetivo ter o poder político sobre a sociedade, uma vez que a luta “contra a exploração capitalistas é necessariamente uma luta política, [porque a classe explorada] não pode conduzir suas lutas econômicas sem desenvolver seus direitos políticos sem tomar posse do poder político” (MARX, 2012, p. 93).

Ele [Marx] dizia que a guerra – ou seja, a revolução, que para ele queria dizer guerra civil – era necessária (MISES, 2015), sendo que a consciência da guerra como revolução era algo que Samora também procurava transmitir em seus discursos, uma vez que procurava transmitir “que aprendemos a guerra na guerra, o que quer dizer, na realidade, que é fazendo a Revolução que aprendemos a melhor maneira de fazer a Revolução, é lutando que aprendemos a lutar melhor [para] desenvolver a guerra e reconstruir a Nação” (MACHEL, 1971).

Na nova ordem socialista que substituiu o capitalismo, os meios de produção serão nacionalizados e controlados de modo centralizado para melhorar as condições econômicas da vasta maioria da humanidade, e não serão mais voltados só para o lucro, que só beneficia os proprietários capitalistas. A primeira meta de praticamente todos os socialistas no século XIX e boa parte dos socialistas do século XX era a abolição da propriedade privada, da competição de mercado e dos preços em dinheiro (MISES, 2015).

Neste sentido, logo depois da independência de Moçambique, o governo da FRELIMO, para materializar um dos objetivos do socialismo, plasmado no *Manifesto* (MARX & ENGELS, 2014, p. 54-55), começou com uma política anti-privatização que se tornou acelerada. Moçambique faz parte, atualmente, dos principais países no mundo onde a estatização dos serviços é forte, onde companhias ferroviárias, de distribuição de água e luz, por exemplo, ainda são estatais (AMORIM, 2019). Procurou-se eliminar a maior parte das empresas privadas, congelando as suas contas bancárias. Um mês depois da independência nacional, o sistema judiciário, a medicina, a educação, os transportes e os serviços tinham sido nacionalizados (FERNANDES, 2011).

O Estado nacionalizaria os meios de produção e como administrador dos interesses da classe trabalhadora planejaria de modo centralizado todas atividades econômicas da sociedade. A agência de planejamento central determinaria o que produziria, como e quando se produziria, e então distribuiria o resultado alcançado entre os membros do novo paraíso dos trabalhadores (MISES, 2015). Esse objetivo nacionalista fica evidente nas palavras de Samora:

O nosso Governo recupera a terra, nacionaliza a medicina, o ensino, a justiça, as casas de arrendamento, retirando esses setores das mãos dos capitalistas para os pôr ao serviço do Povo. O nosso governo destrói as bases do sistema de exploração. Vimos a forma entusiástica como a Juventude apoiou as nacionalizações e a maneira como desde logo se empenhou na defesa, consolidação e valoriza-

ção dessas mesmas nacionalizações, **sendo que em Moçambique, 24 de julho é considerado dia das nacionalizações** (MACHEL, 1976, grifo nosso).

No *Manifesto*, Marx e Engels pregavam a revolução, eles acreditavam que a revolução estava a um passo. Por isso, acreditavam que o socialismo se estabeleceria por uma série de medidas intervencionistas (MISES, 2015), onde às nacionalizações em Samora são exemplo das intervenções.

Um outro aspecto marcante do socialismo, é a sua preocupação com a mulher. Saint Simon é o primeiro socialista a manifestar essa preocupação, ao proclamar que o grau de emancipação de uma mulher numa sociedade é o barômetro natural pelo qual se mede a emancipação geral (ENGELS, 2011). No entanto, também passou a ser uma preocupação do socialismo de Marx e Engels e parte do *Manifesto*, e incorporado pelo socialismo de Samora, mas essa mulher não é meio de produção e de reprodução, como a Burguesia via, ela é parte da revolução socialista na medida em que:

A emancipação da mulher não é um ato de caridade, não resulta numa posição humanitária ou de compaixão. A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição do seu triunfo. A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher (MACHEL, 1973a).

Outra questão que podemos destacar do socialismo de Marx e Engels é a sua pretensão de dar um carácter internacionalista a revolução, que o movimento proletário seja internacional, fato que a celebre frase que fecha o manifesto é testemunha disso, ao apontarem *Proletários de todos os países, uni-vos*. Em uma palavra, os comunistas em toda parte apoiam qualquer movimento contra as condições sociais e políticas existentes (MARX & ENGELS, 2014). No entanto, esse aspecto internacionalista também ecoou no socialismo samoriano, na medida que a libertação da opressão imperialista e colonial não se resumia somente a Moçambique. Havia em Samora uma preocupação com os países vizinhos e de outros quadrantes de África e do mundo. Ele procurou destacar o carácter internacionalista da luta do povo moçambicano, enquanto integrada no levantamento mundial contra o imperialismo, como podemos realçar nos seguintes extratos de seus discursos:

A nossa vitória de hoje é também de todos os povos, dos que combatem ao nosso lado, especialmente, em Angola e na Guiné-Bissau, dos que nos apoiam firmemente na África e no mundo, é uma vitória do campo socialista nosso aliado, é uma vitória ainda do próprio povo português em luta contra o fascismo e a guerra colonial (MACHEL, 1972).

Felicitemos os países socialistas pelas vitórias que têm alcançado na construção duma sociedade nova, e pelo alto sentido que têm do seu dever internacional (Ibid., 1973b).

A elas queremos antes de mais afirmar nesta terra libertada de África que a República Popular de Moçambique assume integralmente a dimensão internacionalista do combate pela libertação de África e da humanidade e que o nosso combate comum continua (Ibid., 1975).

Do que procuramos traçar, podemos afirmar, portanto que as tentativas de aplicações do marxismo, por parte de Samora, ao plano prático revelam o mesmo espírito de identificação congruente, a um tempo flexível, mas intransigente, com os princípios do socialismo revolucionário (FERNANDES, 2012). O mesmo, Samora, fez em dezembro de 1974 uma visita prolongada à República Democrática Alemã e Bulgária e Roménia, os três países socialistas que mais amplamente apoiaram a FRELIMO durante a luta pela independência (NGOENHA, 2019).

### **Considerações finais**

Ao mergulhar, superficialmente, no universo dos discursos de Samora Machel, constatamos que a palavra falada e a tradição oral, a conferência e o comício, parecem ter desempenhado, na propagação do seu marxismo-leninismo e do socialismo dentro do universo dos trabalhadores e da sociedade moçambicana, um papel mais destacado que o da palavra escrita (ANDREUCCI, 1992).

Com efeito, entre os pré-requisitos do socialismo está a liberdade política, na falta de tal liberdade, não se pode chegar àquela educação política e plena participação das massas indispensáveis ao socialismo (LESSA & TONET, 2011), neste sentido a luta pela independência e pela liberdade política do povo moçambicano se apresentou como um dos pré-requisitos para implementação do socialismo por parte de Samora Machel.

A luta anticolonial em Moçambique, pelos discursos de Samora, tem uma dimensão política e de luta de classes porque espelha o exercício do poder da maioria explorada sobre os interesses privados de uma minoria, da classe colonial e imperialista dominante, como defendiam Marx e Engels. As falas e os discursos de Samora seguem seus objetivos políticos, mas não fazem nenhuma referência à sociedade comunista prevista por Marx e Engels, como por exemplo quando Engels (2011) fala que o primeiro ato em que o Estado se manifesta efetivamente como representante de toda a sociedade – a posse dos meios de produção em nome da sociedade – é ao mesmo tempo o seu último ato independente como Estado.

Neste sentido, com o texto, não pretendíamos chegar a conclusão se Moçambique foi ou não um Estado Socialista, mas foi possível encontrar nos trechos dos discursos de Samora preceitos básicos do socialismo proposto por Marx e Engels, mesmo não termos achado nos discursos uma referência direta aos dois pensadores. Mas, encontramos indicações que o

marxismo-leninismo foi o guia teórico da revolução socialista que se pretendia em Samora e na FRELIMO.

Igualmente, a preocupação que nos fez elaborar este ensaio, tendo em conta a pergunta que se encontra no título nos faz arriscar que o socialismo é colocado como uma *utopia* esquecida, se não um *tabu*, mesmo que a ideia do socialismo se faça presente nos estatuto e hino do partido FRELIMO, nas ruas e artérias, como também pelas tênues reflexões que a sociedade e academia têm feito sobre a questão. Portanto, não se rompeu com o cordão umbilical da ‘utopia’ samoriana. No entanto, mesmo pelos debates que o tema suscita no país, estamos diante de um ‘silêncio’ sobre o socialismo como projeto político e de sociedade, outrora guia do movimento de libertação. Esse ‘silêncio’ é sentido pela fraca reflexão sobre se o socialismo dialoga ou não com a atual sociedade em que vivemos, mesmo arriscando que ele pode ajudar a entender ‘capitalismo moçambicano’.

Contudo, este ensaio, nada exaustivo, não é uma elaboração acabada sobre a experiência do socialismo em Moçambique e sobre a sua importância na atualidade, mas sim mais uma tentativa de ‘quebrar’ o relativo silêncio na sociedade moçambicana, passados 44 anos de independência, em torno de um tema parte da história recente do país. Com ele, esperamos também fazer uma espécie de provocação para que, junto como outras recentes invocações ao socialismo, possamos pensar a sociedade moçambicana da atualidade e prosseguir um debate acadêmico, político e social sobre a breve experiência socialista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, P. H. Reestatização dos serviços públicos é tendência mundial. **Conversa Afiada**, s/l, 07 mar. 2019. Economia. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/economia/reestatizacao-de-servicos-publicos-e-tendencia-mundial>. Acesso em: 23 jan.2019.

ANDREUCCI, F. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSAWN, E. et al. (Org.) **História do marxismo II: o marxismo na época da segunda internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 15-73.

BADIOU, A. **A hipótese comunista**. São Paulo: BoiTempo, 2012.

BRAGANÇA, A. de. O marxismo de Samora. **Três continentes**, n. 3, p. 43-50, 1980.

CALDEIRA, A. Apóstolo da desgraça indica solução para Moçambique é o socialismo. **Verdade**, Maputo, 25 set. 2019. Tema de Fundo. Disponível em: <http://www.verdade.co.mz/tema-defundo/35/69213?fbclid=IwAR1CcInRDlicnCyac4I7ag5G-nBnBXfDqukuRiXiHvp58x5PoqIroJyRAfM> Acesso em: 30 set. 2019.

DARCH, C.; HEDGES, D. **Samora Machel: retórica política e independência em Moçambique**. Salvador: EDUFBA, 2018.

DE MACEDO, V. M. C.; MALOA, J. Em Moçambique só há partidos de direita: entrevista com Michel Cahen. **Plural**, v. 20.1, p. 155-174, 2013.

DURAND, J.-P. **A sociologia de Marx**. Petrópolis: Vozes, 2016.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Edipro, 2011.

FERNANDES, C. **Dinâmicas de pesquisa em ciências sociais no Moçambique pós-independência: o caso do Centro de Estudos Africanos, 1975-1990**. 2011, 284 p. (Tese de Doutorado) - Salvador: UFBA, 2011.

FERNANDES, F. **Marx, Engels, Lenin: a história em processo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRELIMO. **Manual da célula**. Maputo: Departamento de mobilização e propaganda, 2010.

FRELIMO. **Relatório do Comitê Central ao 3º Congresso**. Maputo: Departamento Ideológico da FRELIMO, 1977.

HOBSBAWN, E. Apresentação. In: HOBSBAWN, E. et al. (Org.) **História do marxismo V: O marxismo na época da Terceira Internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 15-23.

LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: I&PM, 2009.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MACHEL, S. **No trabalho sanitário materializemos o princípio de que a revolução liberta o povo**. Maputo: Coleções estudo e orientações, 1971. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1971/mes/liberta.htm>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MACHEL, S. **Discurso por ocasião da posse como presidente da República Popular de Moçambique**. Primeiro Discurso de Estado proferido por Samora Moisés Machel, Presidente da FRELIMO, por ocasião da sua tomada de posse como Presidente da República Popular de Moçambique, 1975. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1975/06/posse.htm>. Acesso em: 23 jan. 2019

MACHEL, S. **Produzir é um acto de militância**. Maputo: Coleção estudos e orientações, 1976. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1976/10/militancia.htm>. Acesso: 23 jan. 2019

MACHEL, S. **A luta armada começou em Manica e Sofala**. Maputo: A voz da Revolução, 1972. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1972/08/luta.htm>. Acesso: 23 jan. 2019.

MACHEL, S. **A solidariedade é um ajuda mútua entre as forças que combatem pelo mesmo objetivo**. Discurso na I Conferência Nacional de Solidariedade para a Liberdade e a Independência de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, 1973b. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1973/03/25.htm#topp>. Acesso: 23 jan. 2019.

- MACHEL, S. **A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo**. Maputo: Coleção estudos e orientações, 1973.
- MALOA, J. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 122, p. 85-92, 2011.
- MARX, K. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: BoiTempo, 2012.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MAÚNGUE, H. B. Para uma sociologia do carisma na atualidade: ensaio para leitura do carisma de Samora Machel. **Em Tese**, v. 11, n. 1, p. 91-108, 2014.
- MAÚNGUE, H. *et al.* **Samora na Ilha de Inhaca (1955-1959)**. Maputo: Imprensa Universitária, 2012.
- MISES, L.V. **Marxismo desmascarado**. São Paulo: Vide Editorial, 2015.
- NGOENHA, S. **Manifesto da terceira via**. Locução de: Severino Ngoenha. abr., mai., jun. 2019. Podcast. Disponível em: <https://anchor.fm/severino-ngoenha/episodes/Manifesto-da-terceira-via-ponto-7-4dguj?fbclid=IwAR35j9apz4T2fMo07Nym7ncXyMgs6FvFPM9sWpukiXB7hPsp1mtiDm3j0cA>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- SERRA, C. **Combates pela mentalidade sociológica**. Maputo: Livraria Universitária, 2003.
- TORFING, J. Discourse theory: Achievements, arguments, and challenges. In: HONNETH, D.; TORFING, J. (Eds.). **Discourse theory in European politics: Identity, policy and governance**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005, p. 1-32.
- REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Boletim da República: III Série**, nº 59. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 2013.

Recebido em: 08/05/2019

Aprovado em: 26/06/2019